

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL – UNIJUÍ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS, ECONÔMICAS,
CONTÁBEIS E DA COMUNICAÇÃO – DACEC
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

MARIANE RAMOS SANTOS

**O ACONTECIMENTO E A COBERTURA DA GAÚCHAZH SOBRE A TRAGÉDIA
COM O AVIÃO DA ASSOCIAÇÃO CHAPECOENSE DE FUTEBOL**

Ijuí/RS

2017

MARIANE RAMOS SANTOS

**O ACONTECIMENTO E A COBERTURA DA GAÚCHAZH SOBRE A TRAGÉDIA
COM O AVIÃO DA ASSOCIAÇÃO CHAPECOENSE DE FUTEBOL**

Projeto de monografia apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, como requisito para conclusão de curso.

Orientadora: Lara Nasi

Ijuí/RS

2017

RESUMO

A queda do avião que levava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol, ocorrido em 2016, configurou uma tragédia que, além de levar à morte quase um time inteiro, além de um grande número de jornalistas, afetou famílias, torcedores e também uma instituição, que precisou se reconstruir. Neste trabalho, o objetivo é compreender a relação do jornalismo com o acontecimento e os processos de apuração e escrita de textos jornalísticos sobre a tragédia. Para isso, é aplicado o protocolo metodológico para a análise de cobertura de acontecimentos (SILVA; MAIA, 2011) que serviu de embasamento para analisar as matérias do website do veículo GaúchaZH, que tratavam do acidente com a Chapecoense durante um ano. Estudou-se também, a teoria sobre acontecimento jornalístico e fontes, contextualizando-as com o acontecimento da tragédia. O resultado da análise mostra que o veículo conseguiu de forma suficiente suprir os leitores de informações, atuando também como um dos responsáveis por harmonizar a ordem habitual.

Palavras-chave: Jornalismo. Acontecimento jornalístico. Fontes. Chapecoense.

ABSTRACT

The fall of the plane that carried a delegation of the Chapecoense Football Association, in 2016, set the tragedy that, in addition to bringing to death, a whole space besides a large number of journalists, affected families, fans and also an institution that had to rebuild almost entirely. In this work, the objective is the matter of dissemination of journalism with the event and processes of calculation and writing of journalistic texts about the tragedy. For this, the methodological protocol for an event coverage analysis (SILVA; MAIA, 2011) was applied, which was used to analyze how the website of the vehicle GaúchaZH, which deal with the accident with a Chapecoense during a year. For this, a theory about journalistic events and sources is studied, bringing them to contextualization – as events of the tragedy. The result of the analysis shows the vehicle achieved enough to supply the readers of information, also acting as one of the products by harmonizing a usual order.

Keyword: Journalism. Journalistic event. Sources. Chapecoense.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O JORNALISMO E SUA IMPORTÂNCIA AO RELATAR UM ACONTECIMENTO	8
2.1 A conduta do profissional diante do acontecimento jornalístico	9
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
3.1 Sobre o objeto de análise	18
3.2 Sobre a análise	19
4 A APLICAÇÃO DO PROTOCOLO METODOLÓGICO NAS MATÉRIAS DO WEBSITE DA ZERO HORA	20
4.1 As fontes que falam no acontecimento e sua importância na reestruturação do ocorrido	20
4.1.1 A divisão entre fontes testemunhais e cidadãs institucionais e especializadas: em que momento cada uma delas fala	22
4.2 As fontes através de outros veículos de comunicação: reedição, documentos impressos e eletrônicos e de assessoria de imprensa	28
4.3 Assinatura dos profissionais e local da cobertura	29
4.4 Os gêneros jornalísticos encontrados nas matérias	32
4.5 Os recursos adicionais presentes nas matérias	33
4.6 Considerações sobre a análise	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O mundo inteiro voltou as atenções para o futebol no dia 29 de novembro de 2016. O acidente com a Associação Chapecoense de Futebol devastou famílias, torcedores e toda a sociedade. Todos, angustiados e apreensivos, queriam saber o que havia acontecido e buscavam informações através dos meios de comunicação.

A delegação da cidade de Chapecó/SC viajava para a cidade de Medellín, na Colômbia, onde realizaria o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana de futebol contra o Atlético Nacional, clube daquele país, em um voo fretado para transportar o time. Na madrugada, o avião perdeu contato com a torre de controle e caiu a poucos quilômetros da cidade colombiana, deixando mais de 70 mortos e seis feridos.

Entre as vítimas do acidente estavam jogadores, comissão técnica e dirigentes, totalizando 49 pessoas ligadas à instituição, 20 profissionais da imprensa que iriam cobrir o evento e a tripulação do avião, da empresa boliviana LaMia e ainda outros tripulantes. O acidente foi algo inesperado, que causou tristeza e grande comoção. O que era para ser um momento de comemorações, um evento esportivo e festivo, transformou-se em tragédia. O jornalismo atuou na cobertura do acontecimento, para informar a população.

O presente trabalho busca analisar as matérias publicadas no website da GaúchaZH, que foram apuradas e produzidas por jornalistas do veículo, tanto enviados especiais quanto de profissionais internos da redação, com o objetivo de entender os procedimentos realizados pelos profissionais do veículo e os processos da construção do acontecimento no meio jornalístico. Para a análise foi utilizado um protocolo metodológico, das autoras Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011).Baseando-se neste protocolo, foram analisados também os gêneros das matérias, as fontes escolhidas pelos profissionais para dar entrevistas nos momentos em que se reconstruía a tragédia e após o acidente, bem como quantas eram assinadas por profissionais e os recursos adicionais, como fotos e vídeos, utilizados pelo veículo e incluídos nas matérias.

Primeiramente contextualizou-se a ideia de acontecimento e acontecimento jornalístico. Em seguida continuou-se trabalhando na análise das fontes e dos processos de construção do acontecimento. Por fim aplicou-se o protocolo metodológico nas matérias do GaúchaZH.

2 O JORNALISMO E SUA IMPORTÂNCIA AO RELATAR UM ACONTECIMENTO

Jornalismo e acontecimento estão constantemente ligados. A razão disso é que o jornalismo precisa do acontecimento como referência para seus textos e produções jornalísticas e o acontecimento precisa do jornalismo para que este seja transmitido ao mundo, ao público, à sociedade e aos receptores, assim ganhando a devida dimensão necessária. França (2012, p. 39) diz que “o acontecimento não se trata de um conceito novo [...]. É interessante observar, porém, que no terreno das ciências sociais e, particularmente no campo da comunicação, a ênfase que vem recebendo é recente, porém significativa”.

Podemos tratar como acontecimento uma situação ou evento que por algum motivo faça com que o ocorrido fuja da realidade do dia a dia e do que as pessoas estão acostumadas. Algo que por sua relevância saia da rotina considerada “normal”, que possa ser considerado extraordinário.

Não podemos tratar algo rotineiro como um acontecimento. Em seu texto França (2012, p. 47), destaca que “não há por que convocar um conceito e querer tratar como acontecimento quaisquer eventos”. Os acontecimentos que nos tiram da ordem estabelecida como estado “normal” da sociedade são os de maior interesse, tanto da população, quanto dos meios de comunicação, porque aquele evento que já está de certo modo “marcado”, não nos surpreende tanto quando o inesperado.

Coisas se passam o tempo todo, lidamos com ocorrências de vários tipos, a mídia noticia, as pessoas comentam. Apenas algumas dessas ocorrências, no entanto, têm o potencial de efetiva interferência – e para essas devemos estar atentos; nós, pesquisadores; nós, comunicadores. (FRANÇA, 2012, pg. 47).

Cabe aos veículos de comunicação elencar quais acontecimentos devem ser tratados como prioridade e merecem divulgação e atenção dos profissionais da área. Geralmente, quando estão diante de um acontecimento, os meios passam aos receptores informações sobre o ocorrido, mantendo-os interessados e ligados ao veículo.

É importante que estes busquem também atualizar o receptor que está esperando mais informações sobre o que realmente está se passando, o que realmente aconteceu, o que será feito a partir de agora e como a situação será tratada, conforme sua procedência.

As narrativas jornalísticas atuam sobretudo como mediadoras dos acontecimentos jornalísticos, inscrevendo-os no curso de uma história permitindo que nós, leitores, ouvintes, espectadores e internautas, acompanhem e atualizemos essas narrativas no tempo da recepção. (LAGE, 2014, p.84).

Um acontecimento nem sempre é inesperado. Às vezes, pode ser considerado e tratado também como acontecimento um evento que já está planejando, onde a imprensa já está preparada para realizar a cobertura.

França classifica os acontecimentos em duas ordens: os naturais e sociais. Ambos “podem ser espontâneos ou provocados, podem aparecer de forma súbita ou serem previstos e programados, mas mesmo assim constituírem um acontecimento”. (FRANÇA, 2012, p. 47). Como exemplo podemos pensar na Copa do Mundo, realizada de quatro em quatro anos em diferentes países do mundo, ou nos próprios Jogos Olímpicos, ou ainda em circunstâncias trágicas, como o tsunami que aconteceu na Indonésia, ocorrido em 2016, ou até mesmo a própria queda com o avião da Chapecoense. Ambos ocorridos constituem-se como acontecimentos, sejam eles espontâneos ou provocados, súbitos ou previstos e programados.

Para França (2012, p.49) “os acontecimentos são aquilo mesmo que conforma nossa experiência. Acontecimentos revelam o tecido vivo da vida social. Eles não apenas fazem falar; eles colocam questões, revelam aspectos, abrem possibilidades”. Além de nos mostrarem o real e o agora, os acontecimentos também nos dão a possibilidade de enxergar ou imaginar como será o futuro construído a partir dele. Lage (2014, p.78) diz “que o acontecimento se produz no percurso da nossa experiência, individual e coletiva, afetando-nos e instaurando uma imperiosa demanda de sentido decorrente de suas indeterminações”.

2.1 A conduta do profissional diante do acontecimento jornalístico

Com a evolução das novas tecnologias e ferramentas, o acesso a informações tornou-se muito mais fácil. É comum estabelecimentos comerciais disponibilizarem acesso à rede Wi-fi, buscando facilitar a navegação dos clientes. Nos países desenvolvidos e em zonas industrializadas dos países em desenvolvimento, onde quer que se esteja, é possível acessar noticiários através de pequenos aparelhos celulares, tablets e notebooks. Pérsigo (2011, p. 28) diz que “a mídia será a principal propagadora dos acontecimentos para uma sociedade,

promovendo em seu interior uma verdadeira construção do acontecimento, transformando-o em notícia”.

Sabemos da responsabilidade que um profissional da área jornalística tem ao construir uma notícia, pois é a partir dela que serão criados outros discursos; por isto, cabe ao profissional manter a ética e prezar sempre pela verdade. De acordo com o Código de Ética do dos Jornalistas Brasileiros, em seu Art. 2º, “a divulgação da informação, precisa e correta, é dever dos meios de divulgação pública, independente da natureza de sua propriedade”. O Art. 7º frisa que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”. Recai então sobre o jornalista uma responsabilidade de verificar e apurar as causas de um acontecimento, antes de divulgá-las ao público. Para Sodré (2009 p.71 apud PÉRSIGO 2011, p. 35) “produzir uma notícia implica a construção do acontecimento segundo parâmetros jornalísticos de tratamento do fato [...] comporta apuração de dados e informação, entrevistas, redação e edição de textos”. (SODRÉ, 2009 p. 71 apud PÉRSIGO 2011, p. 35).

Porém, não cabe apenas aos profissionais envolvidos montar o caminho da notícia, pois estes baseiam-se em depoimentos de fontes para desenvolver seu trabalho. Pérsigo observa que “construir uma notícia implica dispor de uma ampla rede de agentes, midiáticos ou não midiáticos, que participarão direta ou indiretamente, na construção dos acontecimentos até sua publicação como notícia”. (PÉRSIGO, 2011, p.44).

Assim, os meios de comunicação se utilizam de um acontecimento considerado “anormal” como matéria prima de construção de suas notícias, percorrendo um longo caminho e o tratando como algo relevante que não pode ficar oculto, que seja digno de ser compartilhado com os receptores. E, desta forma, repassando as informações sobre o ocorrido à população, despertando o interesse receptores e mantendo-os informados.

Rodrigues (1999, p. 27), diz que é acontecimento:

Tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das suas probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quando menos provável for a sua realização. (RODRIGUES, 1999 p.27).

O autor cita três registros de notabilidade dos fatos: o registro de excesso, o registro de falha e a inversão. O primeiro, de excesso, “é de todos o mais corrente, visto ser irrupção por excelência do funcionamento anormal da norma, emergência escandalosa de marcas

excessivas do funcionamento normal dos corpos, tanto dos corpos individuais como dos corpos coletivos e institucionais” (RODRIGUES, 1999, p. 28).

Já o registro da falha, segundo ele “procede por defeito, por insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos” (RODRIGUES, 1999, p. 28). E, por último, a inversão que “é o acontecimento – boomerang, o ‘voltar do feitiço contra o feiticeiro’, o ‘ir por lá e ficar tosquiado”.

Dadas as classificações de Rodrigues (1999), podemos então, tratar então o acidente com a Associação Chapecoense de Futebol, como um registro “falha”.

Os acidentes pertencem habitualmente a este registro, os acidentes cósmicos, naturais, dos cataclismos, das inundações, dos terremotos, mas também os acidentes da circulação automóvel que param o fluxo normal do trânsito, os acidentes no funcionamento das centrais nucleares com sistemas de segurança máxima considerados infláveis, os acidentes espetaculares dos foguetes interplanetários. (RODRIGUES, 1999 p. 28).

A tragédia com o avião da Associação Chapecoense de Futebol pode ser considerada um acontecimento inesperado, devido a sua ocorrência inesperada e sua enorme proporção. A queda de um avião afeta não só a família das vítimas, mas também toda uma sociedade que se comove com o acontecimento e acompanha pelos meios de comunicação todos os momentos e detalhes da cobertura jornalística, em seu desenrolar.

Porém, antes mesmo de se suceder a queda do avião, a primeira partida da final contra o Atlético Nacional, que aconteceria no dia 28 de novembro de 2016, já era considerada um acontecimento, porém do tipo programado. Este seria transmitido e midiático para toda a sociedade, já que se tratava de uma final da Copa Sul-Americana, o que explica a grande quantidade de jornalistas no voo.

Já seria um “acontecimento” por se tratar de um time julgado no futebol brasileiro como “pequeno”, que ainda não havia conquistado títulos internacionais e foi para final de um campeonato internacional de extrema relevância, ainda mais depois da sofrida partida da semifinal contra o San Lorenzo, que garantiu a vaga na final. Porém, infelizmente, ganhou o mundo e os textos jornalísticos pela falha ocorrida durante o voo, tornando-se um acontecimento súbito, na denominação de França (2012).

Sabemos que os jornais e demais veículos de comunicação, com profissionais habilitados, sabem como deve ser feita a produção de notícias nos diversos meios: online, impressos ou eletrônicos. É necessário reproduzir e produzir informações de interesse da população de maneira clara e direta. Um acontecimento só se torna um acontecimento

jornalístico quando os meios de comunicação usufruem do inusitado ocorrido para disseminar informações à população, tratando a situação como algo que merece destaque. Lage (2014, p.79) diz que:

No processo de produção do acontecimento jornalístico, a surpresa e o corte no que parece contínuo e a contingência decorrem tanto do contexto de descrição próprio dos relatos quanto da constituição dos públicos dessas narrativas, sem falar da constituição dessas narrativas pelos públicos no próprio momento de recepção e interação. (LAGE, 2014, p.79).

Podemos entender que a cobertura jornalística do ocorrido com delegação da Chapecoense passou por muitos aspectos. A começar pela queda do avião, que pegou a todos de surpresa, causando espanto pelo modo como aconteceu e também porque posteriormente foi comprovado que o acidente poderia ter sido evitado por intervenção humana, não dependendo apenas de causas naturais.

É importante nos darmos conta de que o acontecimento não passa a existir somente quando e porque percebemos; ele é exatamente porque se faz perceber, e nos faz falar. Ele não significa apenas quando se faz discurso, mas é ele que tensiona os sentidos existentes, demanda ser compreendido e impulsiona o processo de semiotização dentro do qual passa a uma outra fase de sua existência. (FRANÇA, 2012, p.45).

No caso da Chapecoense, são atribuídos sentidos ao acontecimento desde o começo do processo jornalístico, que iniciou sua apuração através de relatos e discursos de pessoas que não tinham certeza de como aquilo havia acontecido, mas estavam próximas ao local e davam entrevistas e testemunhos aos veículos de comunicação sobre o que presenciaram e encontraram primeiramente quando chegaram onde o avião estava destruído. Usou-se de testemunhos de voluntários e especialistas também para apurar as primeiras informações.

Este procedimento é necessário, pois os profissionais precisam responder ao clamor de famílias e sociedade por informações, sem ainda ter nenhuma informação que possa ser definitiva. Assim, disseminados nos meios de comunicação, os discursos que produziram as primeiras testemunhas espalharam-se mundo afora, fazendo com que cada receptor da mídia e até mesmo os próprios profissionais de jornalismo ou especialistas em aviação, comentassem e opinassem, sem ao menos ter certeza sobre o que de fato havia acontecido, o que fez com que as narrativas ganhassem maiores proporções através da recepção de informações pelos veículos de comunicação.

Podemos citar como exemplo de alguns destes discursos reproduzidos, um que falava da hipótese de que o próprio piloto do avião teria liberado o combustível quando viu que este

iria cair, com a intenção de que a aeronave não pegasse fogo. Com as investigações, inclusive do próprio jornalismo, descobriu-se que o piloto não havia parado para abastecer a aeronave e que esta viajava com combustível apenas no limite para a rota estabelecida, sem nenhuma reserva para ser utilizada em caso de problemas ou contratempos que, neste caso, foi o que aconteceu.

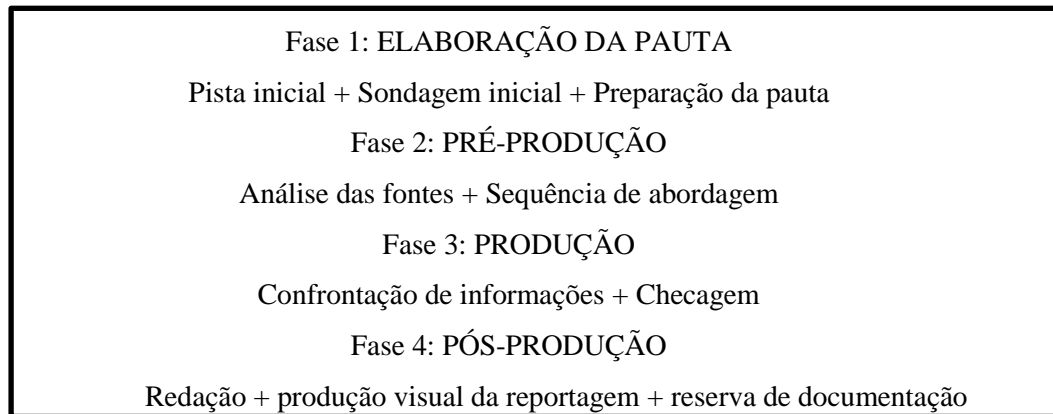
Investigar é caro, demanda tempo e esforço. Amarga os ventos sazonais da redução de postos de trabalho, das Redações enxutas e da carga horária exaustiva, resultados de uma lógica de investimentos sistematicamente voltada para a modernização tecnológica e a infraestrutura (equipamentos, prédios, rotativas) e nem sempre para produção de conteúdo qualificado. (PEREIRA JUNIOR, 2010 p.75).

Uma matéria que pode ser usada como exemplo de como o jornalismo obtém informações sobre as investigações, é a matéria divulgada pelo website da Band. A matéria do site fala que *“informações iniciais sobre o acidente, que agora está tendo as suas causas investigadas, dão conta de que o avião teria sofrido uma pane elétrica e o piloto teria liberado combustível da aeronave antes do pouso forçado para evitar que houvesse uma explosão na hora do choque com o solo. Também está sendo investigada a hipótese de que o combustível do avião teria acabado antes de o piloto ser obrigado a fazer o pouso forçado”*. (BAND, 2016). Isso nos mostra que o jornalismo, além de acompanhar as investigações dos órgãos competentes, faz sua própria investigação, reunindo hipóteses através de testemunhos para articular informações tanto aos receptores quanto aos especialistas, para depois as investigações criminais da polícia apontarem o que realmente causou a queda.

Conforme Pereira Junior (2010 p. 77), “o planejamento pode facilitar a apuração jornalística e há pelo menos um esquema geral que se repete, com modificações ligeiras, de autor para autor, embora os procedimentos muitas vezes variem e tenham outro batismo, a depender do dono”. Em seu texto ele apresenta “uma série de etapas para a investigação jornalística, do colombiano Daniel Samper [...], que condensa uma série de reflexões difusas no mercado e nos meios universitários sobre a evolução de um trabalho de verificação de informações”. (PEREIRA JUNIOR, 2010 p. 77).

Quando um profissional vai até um lugar com a missão de cobrir um acontecimento e construir um texto jornalístico, deve ter uma breve organização. Pereira Junior (2010, p. 78) utilizou o resumo de Samper para um “roteiro para o passo a passo de uma apuração jornalística [...]” (Quadro 1). Ainda que o roteiro não se aplique a situações de tragédia, em que pauta é quem pega o jornalista de surpresa, os procedimentos podem sugerir pistas para o trabalho de apuração também quando estamos diante de acontecimentos súbitos.

Quadro 1 – Os passos da investigação jornalística



Fonte: PEREIRA JÚNIOR, 2010, p. 78.

Entende-se que seguindo esse sistema, o jornalista estará bem amparado para realizar a investigação, sem contar com breves imprevistos e possíveis barreiras que possam acontecer durante sua cobertura.

Lage (2014, p.80) diz que “opera-se uma construção semântica do acontecimento, na qual ele é enquadrado, enredado a outros elementos, como agentes, circunstanciais e motivos, e é inscrito numa intriga, em que recebe um início e um desfecho”. (LAGE, 2014, p. 80).

O acidente com a Associação Chapecoense de Futebol ainda está presente diariamente nos noticiários e documentários do mundo inteiro, um ano após o seu ocorrido. Mesmo que em ritmo bem diferente do início da tragédia, matérias mostram e relembram o acidente, que até hoje produz impactos na sociedade, nos sobreviventes e nas famílias das vítimas. Com o fim das investigações, o assunto ainda causa muita polêmica quando se trata de culpados e indenizações por parte do clube às famílias. Lage explica que “é comum, nas teorias do acontecimento, certo privilégio àqueles acontecimentos cujo poder de ruptura e de confrontação com nossas expectativas são maiores, tais como as catástrofes naturais e os grandes acidentes”. (LAGE, 2014, p. 80).

As histórias que abordam o futuro da tragédia e contam como sobrevivem as famílias das vítimas, como os sobreviventes superaram o acidente e como vivem atualmente, são corriqueiramente mostradas em programas de televisão e outras mídias. Estas abordam também as reverberações de eventos envolvendo a instituição, como jogos de homenagens, encontros do elenco de jogadores com o Papa Francisco, entre outros aspectos inseridos na

mídia como forma de lembrar ou não deixar cair no esquecimento o ocorrido. Muito se fala, também, no fato de que ninguém dos responsáveis pela empresa foi preso.

[...] a ocorrência de um acontecimento representa um momento relevante no desenrolar da vida de uma sociedade, e potencialmente rico para nossas análises. Ele descortina níveis velados da vida social, aponta possibilidades, suscetibiliza, mobiliza, provoca reações e mudanças. (FRANÇA, 2012, p. 49).

Como pode ser acompanhado através dos diversos meios de comunicação, a queda da aeronave gerou, e ainda gera, muita comoção entre os receptores, tendo em vista que a delegação viajava para a Colômbia em busca de um título inédito para o clube e que os jogadores se esforçaram muito nas últimas partidas, para chegar até a final da competição. Um momento que seria de festa e felicidade pegou todos de surpresa se tornando de tristeza e consternação. Conforme Pérsigo:

Compreende-se que a própria sociedade tenciona a atividade jornalística promovendo uma série de fatos que ocorrem no espaço público e que se entrecruzam com outros tantos que surgem inesperadamente, imprevisivelmente, mas ambos ocupam seus lugares nas pautas jornalísticas, obedecendo a uma gama de questões inerentes ao campo. (PÉRSIGO, 2011, p.51).

Entende-se que além de chamar atenção da área jornalística, um acontecimento também ganha tal proporção devido ao interesse da sociedade por ele. De nada adiantaria um meio de comunicação exaltar um acontecimento se ele não se alastrasse pela população de forma interessante, que propicia o surgimento de novos discursos entre os receptores.

Alguns acontecimentos, por serem tantas vezes mencionados, perdem seu poder de significação e caem no esquecimento. Outros, que teriam maior importância no espaço público, podem não receber a atenção que merecem, sendo suplantados por uma série de acontecimentos que emergem com objetivos diversos no tecido social. (PÉRSIGO, 2011, p. 41).

Aqui podemos destacar também que o momento da cobertura da tragédia foi extremamente triste para os profissionais do jornalismo, já que estes tiveram que relatar para os leitores a morte dos próprios colegas de profissão. Vinte e um jornalistas estavam entre os passageiros e apenas o narrador da Rádio Oeste Capital FM, Rafael Henzel, sobreviveu.

Em um momento de comoção, o jornalismo contou sobre a tragédia, como faz em situações como esta, mas neste caso teve que trabalhar também com a sua própria tragédia, em função da perda dos companheiros de diversas emissoras que viajavam junto com a delegação para realizar a cobertura do evento. E isto afetou não só a imprensa, mas também todos os envolvidos com a tragédia. O exemplo trazido a seguir é da mãe do goleiro Danilo, Dona Ilaídes, que emocionou o mundo inteiro.

O repórter Guido Nunes, do SporTV, a entrevistava diretamente da Arena Condá, e em meio às perguntas ela olhou para o jornalista e o questionou: – *Posso fazer uma pergunta? Como vocês, da imprensa, estão se sentindo tendo perdido tantos amigos queridos lá? Pode me responder? Posso te dar um abraço em nome da imprensa?* – disse ao repórter.

Em meio às lágrimas, ambos se abraçaram e se emocionaram. Neste momento ficou ainda mais claro como era difícil para os profissionais estarem ali, fazendo seu trabalho em um dia tão difícil. O jornalista, naquela situação, passou também à situação de testemunha, de quem sofre pelos que perdeu na tragédia. A fonte tomou a posição de entrevistadora, num momento de empatia e solidariedade.

A partir da compreensão do acontecimento e acontecimento jornalístico, bem como da conduta dos profissionais, no próximo capítulo será explicado o procedimento escolhido para dar embasamento para a análise realizada nas matérias elencadas do GaúchaZH que tratavam do acontecimento com o avião da Chapecoense.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho desenvolvido é baseado em um acontecimento. Assim, a metodologia utilizada é qualitativa, e como método para a análise de cobertura jornalística, adotou-se o protocolo *Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico*, desenvolvido pelas autoras Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011). Este protocolo baseia-se em definições e aspectos importantes sobre uma forma teórico-metodológica de observar e analisar elementos dos textos jornalísticos. As autoras destacam que “no caso particular de estudos que tomam textos impressos como objeto empírico, o que se nota é uma ilusória pluralidade metodológica, cogitada, mas nunca alcançada”. (SILVIA; MAIA, 2011, p.20).

As autoras destacam que a existência de fórmulas bastante utilizadas como a Análise do Discurso (AD) e a Análise de Conteúdos (AC), são limitadas quando se trata de coberturas jornalísticas:

[...] a falta de preocupação com metodologias mais apropriadas conduz à repetição de fórmulas metodológicas sem as considerações necessárias. Aplicadas indistintamente a perguntas de pesquisa variadas e com escopos os mais diversos, essas fórmulas acabam por compor um quadro limitado de respostas, quase sempre circunstanciais ao domínio do meio/mensagem, e também por encobrir a deficiência das metodologias de pesquisa em jornalismo. (SILVIA; MAIA, 2011, p.21).

Como alternativa e ferramenta de apoio para analisar as técnicas de apuração, o protocolo metodológico foi proposto pelas autoras para ser:

capaz de mostrar a viabilidade de se investigar no produto publicado elementos do processo de elaboração do acontecimento como notícia, um método de investigação complementar aos estudos de *newsmaking* realizados nas redações e às análises de conteúdo e de discurso dos textos. (SILVA; MAIA, 2011, p. 21).

O protocolo é organizado em três níveis: o primeiro é chamado de “marcas da apuração”, o segundo é intitulado “marcas da composição do produto” e o terceiro, “aspectos da caracterização contextual”.

O primeiro, mais específico, funciona como uma teleobjetiva: recai exclusivamente sobre a matéria jornalística, explorando indícios do método de apuração e da estratégia de cobertura em close-up. O segundo corresponde a uma lente normal, de alcance médio, pois oferece uma visão um pouco mais aberta no objeto, agora

enfocando não só o texto, mas o conjunto amplo do produto [...]. E o terceiro atua como uma *grande angular* – não capta detalhes, mas oferece um plano geral do objeto, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto sócio-históricocultural em que se insere a produção jornalística. (SILVA; MAIA, 2011, p.27).

Assim, destaca-se que o uso do protocolo foi essencial para dar sentido à leitura da cobertura sobre o acontecimento. Para a análise aqui apresentada, foram utilizados apenas dois níveis, sendo que “o último nível é complementar, visto que tem por objetivo contextualizar os dados obtidos nos níveis 1 e 2 [...]”. (SILVIA, MAIA, 2011, p.27).

3.1 Sobre o objeto de análise

O veículo para análise foi escolhido por ser o jornal de maior veiculação no Estado do Rio Grande do Sul e também por apresentar diversos conteúdos e informações durante a cobertura da tragédia.

O jornal Zero Hora é o jornal com maior circulação dentro do estado do Rio Grande do Sul. Com sede em Porto Alegre, o veículo conta com 17 cadernos, mais de 200 jornalistas, uma sucursal em Brasília e mais de 100 colunistas (informações do site da ZH¹), e está presente também nas redes nas redes sociais Twitter², Facebook³, Instagram⁴ e Google+⁵.

Desde sua fundação, em 4 de maio de 1964, ao longo dos anos, o jornal passou por diversas mudanças, tanto de *layout*, como de editoriais e profissionais. O ZeroHora.com, website do jornal, foi ao ar em 2007, mantendo sua atualização 24 horas diárias, durante todos os dias da semana, dando continuação à sua versão anterior, o Clic RBS.

Já em 2017, uma nova atualização do website do jornal aconteceu: a plataforma digital uniu as marcas Zero Hora e Rádio Gaúcha, ambas do grupo RBS, com o intuito de “um indicativo da oferta de mais conteúdo do que já havia nas plataformas de ZH e da Gaúcha. Ou seja, além de trazer tudo o que o jornal e a rádio já ofereciam individualmente no ambiente digital, o novo site vai acrescentar conteúdos exclusivos em texto, áudio, vídeo e transmissões ao vivo para os espectadores. Nessa conta, ganha o público”. (GAÚCHA, 2017).

Desta forma surgiu o GaúchaZH⁶, que oferece ao público a possibilidade de buscar informações com a união das duas marcas.

¹ <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>>.

² <<https://twitter.com/GauchaZH>>.

³ <<https://www.facebook.com/gauchazh/>>.

⁴ <<https://www.instagram.com/gauchazh/>>.

⁵ <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.clicrbs.jornais&hl=pt>>.

⁶ <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/>>.

Sabendo que o processo de produção de notícias jornalísticas se dá a partir de uma organização interna da redação, é importante observar que aspectos são considerados e utilizados no momento em que se inicia a cobertura de um acontecimento. Segundo Silva (2005, p.96):

A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, diretor, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar. (SILVA apud CORREIA, 1997, p. 133).

Sendo assim, destacamos à importância do trabalho em equipe que acontece dentro das redações de jornais. Este aspecto apareceu constantemente durante o processo de cobertura da GaúchaZH sobre a tragédia em questão, visto que a interação entre profissionais que estavam na redação e profissionais que estavam no local do acidente era frequente.

3.2 Sobre a análise

Para esta análise, foram coletadas todas as matérias relacionadas ao tema no site GaúchaZH, a partir do dia da ocorrência da tragédia até um ano depois (2016-2017). Para localizar as notícias, a busca no site foi pelas palavras-chave “acidente” e “Chapecoense”. Ao todo, foram analisadas 67 matérias do Website da Zero Hora. Seguindo o protocolo de análise mencionado, foram observadas as assinaturas (de repórteres, próprio jornal ou matérias sem assinaturas) e local de apuração das matérias (redação ou local do acidente). Analisou-se também os gêneros jornalístico dos textos (notas, notícias, reportagens e entrevistas), os tipos de fontes (classificadas em 8 grupos) e recursos adicionais (fotos, vídeos e imagens não fotográficas).

A análise se dá a partir de matérias relacionadas com o acidente encontradas no website da GaúchaZH, através de um protocolo metodológico, onde no texto a seguir será trazido a pesquisa teórica sobre os temas que aparecem na análise.

4 A APLICAÇÃO DO PROTOCOLO METODOLÓGICO NAS MATÉRIAS DO WEBSITE DA ZERO HORA

Com a aplicação do protocolo nas matérias do jornal Zero Hora que abordavam a temática do acidente aéreo com a Associação Chapecoense de Futebol, foi possível analisar como se deu a cobertura jornalística do acontecimento nas páginas online do veículo. Para a análise, seguimos os seguintes passos, seguindo as orientações do protocolo: análise das fontes, observação dos gêneros jornalísticos, assinatura das produções e recursos adicionais. Em todas essas etapas, articulamos a análise com a discussão teórica sobre cada um destes aspectos, para não descolarmos nossa análise das discussões teóricas e compreensões sobre cada tema.

4.1 As fontes que falam no acontecimento e sua importância na reestruturação do ocorrido

Durante coberturas de tragédias, catástrofes ou eventos programados, os veículos de comunicação têm a responsabilidade de mostrar aos receptores o esclarecimento do que está acontecendo naquela situação, apurando a todo o minuto os elementos que constituem um acontecimento.

O desafio do repórter (no cenário complexo, tentacular, da desordenada torrente de acontecimentos que forma a vida contemporânea) é encontrar evidências soterradas em camadas de versões, procurar certezas em situações de incerteza. O jornalista, por princípio, não é só testemunha daquilo que o leitor não pôde ter acesso. É um processador das camadas verificáveis da realidade – não raro limitado à posição de verificador de fatos inacessíveis de forma direta [...]. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 71).

No caso de tragédias e catástrofes, as fontes assumem um papel importante durante a reconstrução do acontecimento, para dar as primeiras informações nas horas iniciais da tragédia, colocando ao profissional do jornalismo sua experiência vivenciada para falar do

assunto em um momento em que ainda existem informações contraditórias e distorcidas sobre o acontecimento.

Como todas as fontes são diferentes, cada uma delas, em sua especialidade, entendimento e testemunho, dá sua versão sobre o que pode ter ocasionado e acontecido nos momentos do acidente, fazendo com que suas narrativas se tornem essenciais para contribuir com o relato e construção jornalística. Para Boltanski (2015, p.147), existem “diferentes regimes de testemunhos ligados a diferentes regimes de verdade”.

Conforme o protocolo “Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico”, das autoras Silva e Maia (2011), as informações podem ser de primeira ou segunda mão. No caso das de primeira mão, essas “são obtidas diretamente pelos autores do texto e podem ser fornecidas por fontes de naturezas diversas (inclusive por meio de declarações públicas em coletivas de imprensa e eventos)”. (SILVA; MAIA 2011, p.28). Aparecem no protocolo das autoras como fontes de informações de primeira mão, as seguintes, abaixo conceituadas:

Fontes do poder público: gozam do status de Estado – são ligadas diretamente aos três poderes, ao Ministério Público ou a autarquias (ex.: polícia, exército, deputado, prefeito, Ibama, Funai, IBGE e Petrobrás). (Não incluídas as assessorias de imprensa, advogados ou familiares que representam ou falam em nome destas fontes);

Fontes institucionais: são ligadas a empresas privadas, hospitais, associações, ONGs, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, fundações etc., que estão envolvidas nos acontecimentos. Também não inclui assessorias de imprensa, advogados ou familiares que representam ou falam em nome destas fontes;

Fontes cidadãos: pessoas que testemunham fatos, fornecem informações ou dão sua opinião na condição de cidadãos afetados pelos acontecimentos;

Fontes especializadas/comentadores: especialistas ou pessoas com autoridade suficiente para dar sua opinião sobre o assunto, interpretar os acontecimentos e fornecer informações que ajudam a contextualizar os fatos;

Assessoria de imprensa: profissionais especializados e autorizados a falar com os jornalistas em nome de uma pessoa ou instituição;

Fontes não-convencionais: a informação pode ser claramente identificada como sendo de uma fonte específica, mas sua identidade não é revelada. Caso de fontes anônimas, que caracteriza o uso do *off*;

Recursos alternativos: (câmera escondida, disfarce, infiltração etc.): embora não constituam uma fonte propriamente dita, tornam possível ao jornalista ter um acesso direto, minimamente mediado, às informações.

Já como informações de segunda mão que “são obtidas por terceiros e reproduzidas pelos autores do texto” (SILVA, MAIA, 2011, p.29) aparecem no protocolo:

Agências de notícias: quando não se publica o texto da agência na íntegra, mas utilizam-se informações repassadas por ela;

Outros veículos jornalísticos: as informações são extraídas de textos publicados em outros veículos;

Publicações científicas: informações de caráter científico retiradas de publicações legitimadas pela comunidade científica;

Documentos impressos e eletrônicos: estatísticas, bases de dados, documentos públicos, pessoais e institucionais, arquivos históricos etc.;

Ciberespaço: informações obtidas na internet, que podem ou não ser respaldadas por uma instituição ou instância do poder público e podem ou não ser imputadas a uma pessoa específica;

Reedição: quando se utilizam informações de segunda mão de origens diversas, especialmente de agências de notícias e de outros veículos, para produzir um texto próprio;

Republicação: publicação de conteúdo de outros veículos, como é o caso da Carta Capital, que publica textos traduzidos da revista inglesa *The Economist*.

4.1.1 A divisão entre fontes testemunhais e cidadãos institucionais e especializadas: em que momento cada uma delas fala

As fontes são extremamente importantes, elas são quem fornecem as primeiras informações sobre o ocorrido quando ninguém ainda sabe o que aconteceu. Além disso, apesar de transtornadas emocionalmente pelo acontecimento, muitas vezes relatam detalhes

do ocorrido, expondo o seu ponto de vista sobre o acontecimento, podendo muitas vezes, dar informações valiosas para montar um cenário sobre a tragédia. Lage (2014, p.82) diz que “o que jornalismo faz é contar algo sobre o que ocorreu no mundo e ponto final”.

Com relação às fontes que contam o que aconteceu, é importante pensar como o jornalismo desenvolve esse trabalho de escuta e como se dão os processos de produção jornalística, que conta com as fontes, fazendo-as ser parte disso. O autor afirma que a fonte testemunhal mais confiável é a mais imediata, pois “se apoia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa”. (LAGE 2011, p. 67).

Como observamos no dia em que o avião da Associação Chapecoense de Futebol caiu, em um primeiro momento, ninguém tinha informações do que havia acontecido, então as primeiras informações foram obtidas com as testemunhas ou fontes testemunhais, que foram as primeiras pessoas a chegar ao local, e que na classificação do protocolo em questão, são fontes cidadãs. Para Rogério Santos (1997, p. 32) “as fontes são fator determinante para a qualidade da informação produzida pelos meios de comunicação”. Em seu texto o autor diz que Herbert Guns (1979) estudou o comportamento dos jornalistas nas redações de vários meios de comunicação e explica que a primeira definição de fonte do autor é simples, mas precisa: “pessoa que o jornalista observa ou entrevista e a quem fornece informações enquanto membro representante de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros sectores da sociedade”. (GUNS, 1979, p.80 apud SANTOS, 2011, p. 32-33).

Quando irrompe uma tragédia, súbita, como um acidente, ninguém sabe o que realmente aconteceu nos primeiros momentos. No caso da Chapecoense, com os primeiros depoimentos de testemunhas que chegaram ao local do acidente, como bombeiros, policiais e moradores da região, foi possível que os profissionais de jornalismo, através das narrativas e discursos, começassem a construir suas matérias para dar ao público as primeiras notícias e informações que se tinha sobre o acontecimento, complementando-as com informações divulgadas pelo departamento de aviação civil do país. Conforme Amaral (2015, p. 50):

As fontes testemunhais têm papel fundamental. A elas cabe, sobretudo comunicar a experiência de ter visto ou vivido uma situação extrema, ou seja, descrever. As fontes testemunhais são consideradas aquelas que presenciaram o fato, que participaram diretamente da sua causa ou sofreram as consequências dele. (AMARAL 2015, p. 50).

Um acontecimento ganha grande destaque na mídia por sua extrema relevância e importância. Por sua vez, quando as narrativas têm discursos daqueles que presenciaram e relataram os fatos, dá ainda mais enfoque ao caso. Segundo Amaral e Ascencio (2016, p. 245-

246) “podemos dizer que dar testemunho significa colocar-se na posição dos que perderam a vida. A testemunha produz sempre um discurso nome de terceiros [...]”.

Ainda nos primeiros momentos da tragédia com a Chapecoense, nem as fontes ligadas ao clube e tampouco as do aeroporto José María Córdova, que controlava o voo, sabiam o que realmente tinha ocorrido. Isso tornou ainda mais importante o relato das fontes cidadãs, enquanto testemunhas, para ajudar o jornalismo a dar as primeiras informações sobre o acidente aéreo, visto que as fontes especializadas provavelmente ainda buscavam reunir elementos para informar à imprensa e as famílias. Amaral e Ascencio afirmam que “os testemunhos sobre os primeiros momentos da tragédia, mesmo veiculados posteriormente, dotam o acontecimento da tensão jornalística necessária”. (AMARAL; ASCENCIO, 2016, p. 248).

Enquanto as fontes relatam, o processo de construção da notícia passa pelo jornalista. Cabe a este ter a responsabilidade de ouvir as fontes, interpretar e analisar de que forma este relato chegará até o leitor. Na mesma linha, Amaral e Ascencio destacam que:

A personalização de desastres a partir da cobertura jornalística tende a destacar os rostos, gestos, nomes próprios, expressões de dor, imagens de vítimas que dão um caráter humano e pessoal para todas as catástrofes e auxilia na compreensão do acontecimento. (AMARAL; ASCENCIO, 2016, p. 249).

Podemos trazer como exemplo no caso em estudo o testemunho do menino Johan Alexis Ramírez, que foi o primeiro a chegar ao local do acidente, juntamente com seu pai. Conforme o website Extra, que publicou a entrevista do menino dada para o jornal *El Colombiano*, o jovem, que mora perto do local da queda da aeronave, ouviu um barulho e foi até lá.

Começaram a retirar os feridos e estavam abrindo caminho pelo morro. Mas assim demoraria muito e dissemos que havia um caminho mais fácil e mais rápido”. Já estavam saindo com o Alan Ruschel e eu disse a um bombeiro, que era um dos chefes, que conhecia o caminho. Então eu os acompanhei e depois corri para onde estavam os policiais para avisar que tínhamos um ferido. E já havia um carro no local”, relatou o menino ao diário colombiano. (EXTRA, 2016).

Segundo Schmitz (2011, p. 26 apud PHILIPSEN et al, 2017, p. 5), a fonte testemunhal dá ao meio de comunicação credibilidade por funcionar como álibi, representando suas vivências, geralmente uma voz que é identificada como independente e, por isso, verdadeira, mesmo que não relate fielmente o ocorrido.

Este depoimento passa aos receptores uma noção mínima do que estava acontecendo no momento em que se iniciaram os resgates, ilustrando aos leitores um cenário onde

consigam imaginar como se sucederam os primeiros momentos após a queda. O discurso detalhista que traz à sua narrativa sentimentos de dor e muito sofrimento faz também com que os receptores se solidarizem ainda com todo o ocorrido. “O testemunho para a mídia é apenas uma peça da história”. (AMARAL; ASCENCIO, 2016, p.249).

De nada adiantaria um testemunho deste tipo se não fosse o profissional do jornalismo para dar voz a ele. O profissional reúne todos os dados que conseguiu apurar e os une aos relatos das testemunhas transformando isso em notícia. Gonçalves (2014, p.90) diz que “[...], o profissional de comunicação é representado como aquele que comanda, que elabora o discurso, que decide o certo e errado e o que será publicado. Ou seja, é quem dá voz ao relato”.

Nas matérias analisadas, prevalecem como fontes cidadãs e testemunhais as primeiras pessoas que chegaram ao local do acidente: socorristas voluntários, vizinhos da redondeza que acompanharam a queda do avião. Inclui-se também os familiares das vítimas e torcedores da Associação Chapecoense de Futebol. Sobre isso, segundo Amaral e Ascencio (2016, p. 14):

A narrativa jornalística sobre os desastres tem nos testemunhos um de seus pilares. A força, intensidade e verdade dos testemunhos são peças fundamentais para o relato da gravidade e do interesse humano destes acontecimentos. São palavras que facilmente ganham visibilidade para além dos limites geográficos dos desastres e podem acionar na audiência sentimentos como estupefação, empatia, solidariedade e indignação. (AMARAL; ASCENCIO, 2016, p. 14).

Posteriormente, surgem então as fontes do poder público, que dão informações de como se sucederá após as primeiras horas do ocorrido, quais serão as prioridades e decisões que devem ser tomadas a partir desse momento, ou seja, começam a dar informações sobre o planejamento futuro de como será tratada e trabalhada a tragédia. Amaral (2013) diz que as fontes autorizadas e ligadas ao poder costumam tergiversar no momento das tragédias e as fontes especialistas, embora fundamentais, ainda não têm elementos suficientes para concluir sobre o acontecido. No caso do acidente em questão, aparecem como fontes do poder público o prefeito da cidade de La Unión, cidade onde o avião caiu, o embaixador do Brasil na Colômbia, e o prefeito de Chapecó.

Logo após os momentos iniciais da tragédia, aparecem informações mais concretas do que aconteceu e como o processo se desencadeará. No caso em análise, as fontes institucionais procuram não dar muitas informações sobre o ocorrido sem ter certeza de com que situação estão lidando, porém, em suas entrevistas, estas fontes procuraram se solidarizar com as famílias, divulgar as informações sobre sobreviventes e cancelamento do jogo. Mas

também principalmente, começam a se organizar pensando em quais serão os próximos passos dali para frente, em como será para todos os envolvidos a partir de agora, quais medidas serão tomadas, ou seja, iniciam um planejamento do futuro do acontecimento, como no exemplo abaixo na matéria “*Avião que transportava delegação da Chapecoense sofre acidente na Colômbia*”, publicada no dia 29 de novembro de 2016.

– Está muito difícil para resgatar os feridos porque há muitas árvores, ainda que haja muita ajuda. Os bombeiros de La Unión, de Rionegro, de El Carmen, de La Ceja estão lá, e há mais 90 socorristas, mas não está fácil retirar as pessoas que estão vivas. Não podemos dar nenhum informe oficial até o momento – disse Hugo Botero López, prefeito de La Unión.

Gonçalves (2014, p.93) diz que “o jornalista (ou o veículo) assume a fala e os argumentos da fonte como seus e, conseqüentemente, como sua afirmação da verdade”. O papel do jornalista é fundamental ao repassar estes discursos para os receptores, pois precisa mostrar a eles que as coisas estão acontecendo, mas que tudo deve se estabilizar futuramente.

Estas fontes insituacionais são as que mais aparecem nas matérias da Zero Hora. São elas: responsáveis ligados à Associação Chapecoense de Futebol, Atlético Nacional, ao aeroporto José María Córdova, à Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), à Polícia Metropolitana de Medellín, Aeronáutica Civil da Colômbia, do Sindicato Nacional dos Aeronautas (SNA), Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), Fabricante do avião, médicos ligados aos hospitais, à empresa aérea boliviana Lamia, à FIFA. Abaixo, um exemplo, na matéria “*Chapecoense organizará velório coletivo na Arena Condá*”, publicada no dia 29 de novembro de 2016.

Com o avanço do trabalho de recuperação dos corpos do local do acidente, os próximos passos começaram a ser preparados. Em entrevista na Arena Condá, o presidente em exercício da Chapecoense Ivan Tozzo e o vice-presidente do conselho deliberativo, Gelson Dalla Costa, falaram dos próximos procedimentos. Médicos e advogados do clube estão viajando para a Colômbia, para acelerar o processo de identificação e liberação das vítimas da tragédia.

Os familiares das vítimas viajarão ainda nesta terça-feira para São Paulo, onde realizarão a identificação dos corpos. Posteriormente, a ideia dos diretores da Chapecoense é organizar um velório coletivo na Arena Condá.

– Nossos médicos e advogados foram a São Paulo, e depois viajam à Colômbia. É difícil a liberação dos corpos. Falei com o presidente (Marco Polo) Del Nero. Ele colocou um avião à disposição, que vai chegar nesta terça-feira à tarde. Parece que a identificação dos corpos será feita em São Paulo. Então, as famílias têm de ir para lá. Depois, a nossa ideia é fazer o velório coletivo aqui no estádio. Trazer todos os mortos aqui – afirmou Ivan Tozzo.

Já as fontes especializadas possuem alguns elementos e materiais para apontarem possíveis causas do acontecimento, porém não possuem elementos e informações suficientes para tirar conclusões. Assim, iniciam também o processo de apuração e investigação sobre a tragédia e tentam entender o que causou a queda da aeronave. Para o processo de apuração jornalístico as “fontes do poder (fontes oficiais, institucionais e estáveis) e fontes que se ajustam aos procedimentos de produção são preferenciais”. (GONÇALVES, 2014, p.95). Este tipo de fonte surge nas matérias com pessoas ligadas à área de aviação: professores, comandantes e especialistas em acidentes aéreos.

As fontes oficiais tendem a responder de melhor forma que as outras a essas necessidades organizacionais das redações, pois se pressupõe que elas são mais confiáveis, simplesmente porque não se podem permitir mentir abertamente. Além disso, são consideradas mais persuasivas, uma vez que as suas ações e opiniões são oficiais. (GONÇALVES, 2014, p.96).

Veja o exemplo abaixo, na matéria “*O que se sabe e o que ainda é dúvida sobre a queda do avião que levava o time da Chapecoense*”, publicada no dia 29 de novembro de 2016:

Autonomia de voo é questionada por especialista

Uma das perguntas ainda sem resposta é se a aeronave tinha autonomia de voo para voar diretamente da Bolívia à Colômbia sem pousar para reabastecer. Segundo a fabricante, o avião tinha capacidade para voar até 2.965 quilômetros com velocidade máxima de cruzeiro de 720km/h.

Segundo o professor Cláudio Scherer, a rota Santa Cruz de la Sierra-Rionegro, que segundo o Flight Radar tem uma distância de aproximadamente 2.975 km, superior a um voo de Porto Alegre ao Recife, teria forçado a aeronave a voar no limite da capacidade, sem reservas. Por isso, a hipótese de que também houve falta de combustível é não pode ser descartada ainda.

– Pelo que observamos levando em consideração a distância da rota e a autonomia da aeronave, parece que a situação ficou bem crítica. Mas não há como dizer que foi isso (o motivo da queda), mas não estava confortável. Parece que a autonomia ficava um pouco restrita. Ideal é se houvesse uma parada intermediária – diz o presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas (SNA), Rodrigo Spader.

A presença da explicação por parte de fontes especiais não tira de cena as testemunhas e fontes cidadãos, que um ano após o acidente ainda estão muito presentes. Não só os sobreviventes, mas também as famílias das vítimas, contam a diversos meios de comunicação e jornalistas a triste experiência vivenciada por eles durante e após o acidente, nos momentos de recuperação e sua luta e dia a dia após a tragédia.

Nem todas as fontes citadas e conceituadas acima apareceram nas matérias analisadas do jornal Zero Hora, porém algumas são constantes nos textos jornalísticos. Das 67 matérias analisadas, 6 não tinham nenhuma fonte. Foram identificadas 61 matérias com fontes, divididas em categorias: fontes especialistas (11), fontes institucionais (46), fontes do poder público (3), fontes cidadãos (18) fontes de assessoria de imprensa (1), reedição (10), documentos impressos e eletrônicos (4) e ciberespaço (4).

E assim, continuamente os diversos meios de comunicação e jornalistas exercem o papel fundamental de contar os testemunhos sobre o acontecimento aos receptores. Amaral e Ascencio afirmam que “não é a presença do relato de uma experiência radical numa matéria que a torna mais completa ou mais crítica. O testemunho só provocará a razão crítica e a dimensão social do entorno do desastre se a narrativa jornalística assim permitir”. (2016, p. 14).

Aos poucos, informações sobre o estado de saúde dos sobreviventes do trágico acidente que matou 71 pessoas na madrugada desta terça-feira começam a chegar ao Brasil. Em entrevista à GloboNews, o médico Guilherme Molina falou sobre como estão os jogadores Alan Ruschel e Neto e o jornalista Rafael Henzel.

Alan Ruschel, o primeiro a ser socorrido, tem uma lesão em uma das vértebras, passou por intervenção cirúrgica e precisou ser transferido para a clínica Somer, onde passa neste momento por um procedimento neurológico.

4.2 As fontes através de outros veículos de comunicação: reedição, documentos impressos e eletrônicos e de assessoria de imprensa

Para Bastos (2000, p. 82 apud MACHADO, ANO, p. 4), a disseminação das redes digitais estimula a elaboração de uma lógica estrutural distinta para o jornalismo com consequências para a pesquisa, produção e difusão de dados. Mais que ferramentas ao dispor dos jornalistas, as tecnologias de circulação e armazenamento de dados são o indício de um fenômeno mais amplo, que exige diferentes habilidades dos profissionais do jornalismo.

Neste caso, aparecem as fontes dos meios online e digitais. No caso em análise, os textos veiculados no Website da Zero Hora se basearam, muitas vezes, em informações e documentos para formular e publicar suas matérias. Destas, percebe-se o uso de informações de segunda mão, referidas no protocolo de análise como a “reedição” (11), documentos impressos e eletrônicos (4), assessoria de imprensa (1), e ciberespaço (4).

Todas as informações retiradas de outros meios tiveram sempre as fontes citadas e o nome do site de onde foram retiradas as informações. Veja um exemplo de “reedição” na matéria “De Medellín, médico atualiza informações sobre feridos na tragédia com avião da Chapecoense”, publicada no dia 29 de novembro de 2016.

4.3 Assinatura dos profissionais e local da cobertura

Existem diferentes áreas e possibilidades para um profissional do jornalismo atuar. Todas são desafiadoras e acrescentam muito na carreira do jornalista. “De acordo com os autores Duarte e Duarte, o uso do título de jornalista pressupõe a vinculação do profissional à imprensa escrita ou aos meios de comunicação audiovisuais”. (DUARTE; DUARTE 2010).

Entre as possibilidades de atuação do jornalista, podemos destacar o correspondente. Conforme Britto (2004 apud BRAGA, 2016, p. 10), para ser correspondente o jornalista precisa ter um vasto conhecimento, saber um pouco sobre tudo, pois ele terá que escrever no país em que está morando, para todas as editorias, por exemplo, política, cultura, economia e comportamento. (BRITTO, 2004, Apud, BRAGA, 2016, p.10).

O correspondente é um repórter que cobre exclusivamente uma região, cidade ou país, que produz as matérias destes ambientes e as envia regularmente para a redação do veículo para o qual trabalha. O profissional deve acompanhar noticiários para se manter informado sobre o que acontece no local que está cobrindo, buscando sempre fontes importantes e oficiais para dar maior credibilidade ao seu trabalho. Para Aguiar (2008, p. 26):

Estes correspondentes [...] apuram localmente as informações – nem sempre sinônimos de notícias –, geralmente seguindo as agendas oficiais e corporativas de coletivas, visitas e demonstrações, e redigem matérias, em geral imediatamente. Os tamanhos destas variam, embora a média costume situar-se em torno de uma lauda de texto. (AGUIAR, 2008, p. 26).

Antes de ir para o local é importante que este profissional conheça para qual lugar está indo e estude aspectos da localidade, buscando sempre pautas relevantes que interessam ao país onde seu veículo está. Este trabalho possibilita ao profissional agregar conhecimento sobre outras realidades, o que se torna um diferencial em sua carreira. Para Antônio Brasil (2014 apud BRAGA, 2016, p. 12), há dois fatores que são levados em conta para que alguém seja correspondente:

[...] ser muito rico e bancar um longo período de desemprego ou pequenos “frilas” no exterior ou ser um daqueles abençoados com um enorme Q.I, ou seja “quem indica”. O QI ainda é uma das maneiras mais recorrentes no jornalismo brasileiro para se conseguir um bom emprego ou uma boa colocação no exterior como correspondente internacional (BRASIL, 2014, p.12 apud BRAGA, 2016, p. 12).

Já o freelancer é um profissional da área do jornalismo que realiza diversos trabalhos na área. Suas atividades dividem-se em escrever, revisar textos, grava vídeos e VTs, fotografar, fazer boletins, entre outras. Este profissional trabalha tanto para veículos de comunicação que procuram um auxílio temporário quando o serviço é intenso, ou de forma própria e individual divulgando os trabalhos que realiza. Segundo Braga (2016, p.7), o freelancer “cobre pautas especiais, produz aquelas que ele mesmo sugeriu e depois vende para os meios de comunicação. Contudo, nem todos os veículos utilizam essa estratégia”. Infelizmente, é um emprego sem contrato por parte da empresa e do profissional, e também sem carteira assinada pelos veículos ou empresas que procuram seus serviços.

Segundo recente matéria divulgada no site InfoMoney (2015) o trabalho de freelancer no Brasil está crescendo, inclusive, na área de Comunicação. Aumentou o número de cadastros no site Freelancer.com, que passou de 17 mil para 235 mil usuários. Isso se deve a mudança de comportamento dos profissionais, que agora querem ter o próprio negócio, trabalho autônomo e também devido à crise econômica que reduziu drasticamente o número de vagas ofertadas nas empresas. (BRAGA, 2016, p.7).

Já o enviado especial é um profissional mandado até um lugar específico, principalmente para realizar coberturas, com pautas e temas já definidos pelo veículo de comunicação em que trabalha, seja uma tragédia como um acidente, uma catástrofe natural ou até mesmo um evento já programado que irá acontecer.

O enviado especial tem a opção de fazer uma matéria única sobre o acontecimento ou várias delas, e enviar para a redação. Ou ainda, enviar regularmente as informações sobre o que está acontecendo para quem está na redação da sede do veículo de comunicação para qual trabalha e alguém da redação produzir uma matéria, ou matérias atualizadas. Segundo Britto (2004 p. apud, BRAGA, 2016 p. 5: 6), “o enviado especial vai para outro país em um determinado momento para noticiar algo específico. Quando o assunto termina, ele volta ou vai para outro país em seguida”.

Na maioria das vezes o profissional da redação que possui mais conhecimentos sobre o local ou pauta e experiências profissionais é escolhido pelos chefes de redação para ir para o local onde se sucederá a cobertura.

Podemos observar também que, de todas as matérias analisadas, a grande maioria possui assinatura ou de um profissional envolvido na cobertura, ou de uma editoria ligada ao assunto. Por exemplo, ZH Esportes ou Clube do Bolinha. Ambas são ligadas ao assunto esporte, que envolve futebol ou qualquer outro esporte.

O fato de uma matéria ser assinada passa a credibilidade ao leitor de que existe alguém responsável por buscar as informações e as apresentarem, deixando claro sua responsabilidade pelo que está escrito. As matérias que são assinadas por profissionais são recorrentes (53). Ainda assim, mesmo que em um número inferior, algumas das matérias relacionadas ao assunto não possuem assinatura (14), não deixando claro ao leitor que busca a informação quem escreveu a matéria, dando a impressão de que não existe alguém responsável por tal.

Quanto ao local de apuração, foram escritas de dentro da redação (62), dando a entender que o profissional recebe as informações de quem está no local realizando a

cobertura e a escreve direto da sede do jornal em Porto Alegre e apenas quatro matérias foram escritas do local do acidente. Apenas uma não se sabe onde foi escrita.

Inferimos, na análise, que as informações chegavam até a redação por meio dos poucos profissionais enviados ou através de outros meios de comunicação ou instituições envolvidas que divulgavam informações. Apenas uma não se sabe de onde foi escrita.

É claro que estar no local de cobertura favorece o acesso às informações, mas nem sempre significa conseguir tudo na hora. Inicialmente, os profissionais divulgaram números que divergiam sobre quem eram os sobreviventes e qual era o estado de saúde de cada um deles, como foi o caso do goleiro Danilo: até o início da manhã do dia 29 de novembro, o GaúchaZH ainda não havia afirmado com certeza se o goleiro estava realmente entre os óbitos. A Cruz Vermelha ainda não havia confirmado a morte do goleiro, e perto das 12h, a informação de que ele chegou a ser resgatado e socorrido com vida após a queda da aeronave, mas não teria resistido aos ferimentos e falecido, foi confirmada em entrevista à rádio Colombina AM 910 pelo médico do hospital San Juan de Dios, Guillermo Molina. Isto mostra que, mesmo os profissionais que estavam diretamente do local realizando a cobertura, só conseguiram a informação sobre a confirmação da morte após pronunciamento de um profissional e só assim puderam informar ao leitor.

O veículo analisado neste trabalho contou com enviados especiais para cobrir o acidente em Medelín. Observou-se nas matérias que profissionais do veículo foram enviados diretamente até Medelín para realizar uma cobertura completa direto de lá, acompanhando de perto os desenrolares do acidente, escrevendo matérias do local do acidente, bem como suprindo a redação com informações para a produção de matérias de dentro da própria redação em Porto Alegre.

O aspecto local de apuração também chama a atenção devido ao pequeno número de matérias produzidas diretamente do local do acidente.

4.4 Os gêneros jornalísticos encontrados nas matérias

Os gêneros jornalísticos mais conhecidos são o informativo, opinativo e interpretativo. O gênero opinativo é uma leitura da realidade baseada na visão de jornalistas e veículos através de editoriais, comentários, artigos, resenhas ou críticas, colunas, cartas, charges e crônica. (BELTRÃO, 1976). O gênero interpretativo divide-se em um posicionamento do

autor, sua explicação e interpretação, onde aparecem análises, enquetes, cronologias e dossiês. E, por fim, no gênero informativo, que como o próprio nome já diz, prevalece a objetividade e imparcialidade, buscando sempre um fato a ser informado aos leitores. Nele aparecem as notas, notícias, reportagens e entrevistas. Para BELTRÃO (1969, p. 82. apud LOPEZ; DA MATA, 2009, p. 3), “estão inseridos no gênero informativo a notícia, a entrevista, a reportagem, a história de interesse humano e a informação por imagem”.

Em todas as matérias analisou-se o gênero jornalístico, prevalecendo o gênero informativo. Buscando deixar os receptores informados sobre o que estava acontecendo, as notícias (56) são as mais presentes. Poucas vezes, o jornal realizou entrevistas (6), reportagens (3) mais completas, ou divulgou pequenas notas (2) sobre o acidente. Uma notícia é um relato mais objetivo dos fatos, onde nela encontra-se pelo menos uma fonte, presente diariamente nos jornais.

A definição de notícia, segundo Beltrão, é “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82. apud LOPEZ; DA MATA, 2009, p. 3).

A nota pode ser definida como um pequeno texto, de no máximo 10 linhas, dando breves explicações sobre o que de fato aconteceu. Já reportagem é considerada uma forma mais completa de relatar o acontecimento, o profissional se dedica exclusivamente em ir até o local, conversar com diversas testemunhas e contar com detalhes o ocorrido. Para uma entrevista, o jornalista mostra ao receptor o ponto de vista, opiniões e ideias da pessoa entrevistada, conforme a temática e a pauta.

A fim de que bem exerça as suas funções e não forneça ao leitor aquelas notícias sem valia, que desacreditam o jornal, tornando-o inócuo, o jornalista precisa saber quais os fatos que devem se transformar em notícias, ou, por outras palavras, conhecer os critérios de identificação e julgamento dos incidentes que devem interessar e importar ao leitor, figurando nas colunas de jornal (BELTRÃO, 1969, p. 85. Apud, VIZEU, Alfredo, 2007, p.30).

4.5 Os recursos adicionais presentes nas matérias

Com a chegada das novas tecnologias e globalização, tudo ficou mais fácil. Até mesmo, os recursos multimídia como estratégia de ganhar leitores e atingir um maior número

de acessos. Cada vez mais interessados por buscar informações, as pessoas dispõem de celulares, computadores e *tablets*, todos meios acessíveis e práticos para informarem-se diariamente.

Assim como facilita o acesso dos leitores, facilita também a apuração dos fatos. Os recursos multimídia, como vídeos, áudios e fotos, possibilitam ao profissional mostrar o que está acontecendo de forma “mais verossímil”, produzindo um conteúdo mais interessante e relevante para os receptores. Para Mielniczuk “o jornalismo digital também é denominado de ‘jornalismo multimídia’, pois implica na possibilidade da manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem”. (MIELNICZUK, 2003, p. 25). Com a ajuda de celulares, esses recursos são enviados instantaneamente as redações para serem postados rapidamente com as notícias veiculadas.

O âmbito eletrônico seria o mais abrangente de todos, visto que a aparelhagem tecnológica que se utiliza no jornalismo é, em sua maioria, de natureza eletrônica, seja ela analógica ou digital. Assim, ao utilizar aparelhagem eletrônica, quer para a captura de informações, quer para a disseminação das mesmas, estar-se-ia exercendo o jornalismo eletrônico. (MIELNICZUK, 2003, p. 24-25).

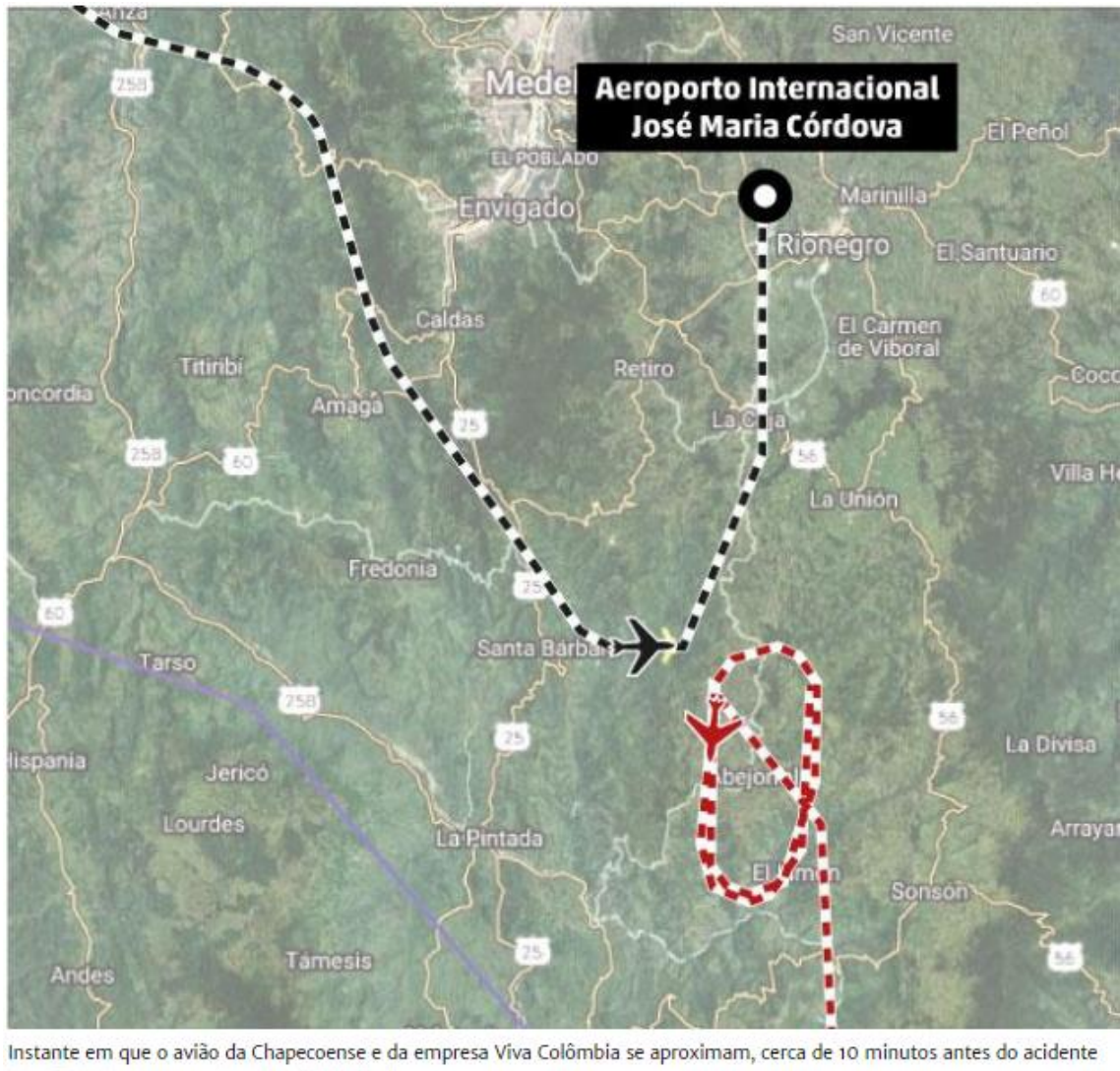
Segundo o protocolo utilizado para análise, os recursos visuais/adicionais são próprios de agência de notícias, de assessoria de imprensa ou de outra fonte, e podem ser divididos em fontes, vídeos e imagens não fotográficas.

Durante a aplicação do protocolo para a análise, observa-se que das fotos anexadas nas matérias analisadas, todas levam legendas e assinaturas, bem como referências de onde foram retiradas, seja de redes sociais, de outro veículo de comunicação, do próprio jornalista enviado para realizar a cobertura, ou as que são dos próprios fotógrafos da agência RBS. A agência RBS é a:

soma de oito jornais – Zero Hora e Diário Gaúcho, de Porto Alegre, Pioneiro, de Caxias do Sul, e Diário de Santa Maria, todos no Rio Grande do Sul, Diário Catarinense e Hora de Santa Catarina, de Florianópolis, Jornal de Santa Catarina, de Blumenau, e A Notícia, de Joinville, em Santa Catarina – 18 emissoras de TV e 25 de rádio. (AGÊNCIA RBS, 2010).

A maioria (quase todas), das fotografias eram originais, da própria agência de notícias RBS TV, porém acredita-se que o jornal, quando não dispunha de fotografias, optou por não deixar suas matérias sem ilustração, usando então recursos visuais de outros veículos ou agências e até mesmo profissionais que registraram momentos da tragédia. O veículo optou também por utilizar imagens não-fotográficas como ilustrações e montagens. Um exemplo

que pode ser citado foi a montagem feita com base em um mapa para ilustrar o local onde o avião caiu, reproduzida a seguir.



4.6 Considerações sobre a análise

Não se pode dizer que o website do jornal Zero Hora, que tem maior circulação no Rio Grande do Sul, e objeto de análise neste trabalho, deixou a desejar quando se trata da cobertura da tragédia da Associação da Chapecoense de Futebol. Porém alguns aspectos podem ser apontados. Fonseca (2014, p.20) diz que é importante considerar que o jornalismo não se explica tão somente pela dinâmica e pelas produções das empresas genuinamente jornalísticas.

Mesmo contando com poucos enviados especiais até o local do acidente, o jornal, através deles e de outros meios de comunicação, reuniu informações suficientes para que as matérias apresentassem uma visão geral sobre o caso.

Através das matérias publicadas de dentro da redação, em Porto Alegre, os repórteres internos recebiam as informações e publicavam a todo o instante no website textos jornalísticos sobre o acontecimento. Mesmo com dados desconhecidos sobre quem eram os sobreviventes e qual era o estado de saúde de cada um deles, o veículo buscou atualizar as matérias assim que novos dados eram descobertos e novas testemunhas surgiam para falar com os veículos e assim apresentar aos profissionais a noção dos fatos. Os repórteres procuraram entrevistar fontes que poderiam fornecer esse tipo de esclarecimento, como familiares e médicos e envolvidos no resgate.

Santos (2011, p.7), destaca que “as rotinas nas fontes e nos jornalistas visam contextualizar e recontextualizar os dados dos acontecimentos, transformando a realidade em discurso narrativo (criado, produzido, lido e interpretado) e este em construção social da realidade”. (SANTOS 2011, p.7). É importante destacar aqui que, em todos os momentos, a escolha das fontes fez uma grande diferença nas matérias, pois só através dos discursos delas foi possível aos jornalistas relatarem aos leitores, com certa credibilidade, o que estava acontecendo.

Lage (2014, p.79) diz que “[...] a maior parte dos acontecimentos contemporâneos que nos afetam e dos quais tomamos conhecimentos nos chega através das mediações jornalísticas, isto é, a partir de narrativas configuradas no interior dessa instancia social de interação”. (LAGE, 2014, p.79). Os recursos adicionais trazidos nas matérias também foram essenciais para passar aos receptores uma maior dimensão do que estava acontecendo realmente em Medelín. Quando seus enviados não conseguiram suas próprias fotos ou vídeos, o veículo trabalhou bem com os recursos que foram obtidos através de outros meios de comunicação.

Entende-se que o veículo trabalhou de forma suficiente, com os recursos que possuía, para dar conta de realizar a cobertura e de forma satisfatória informar os seus leitores, trabalhando jornalisticamente com o acontecimento que desestabilizou a sociedade. O veículo e os profissionais estabilizaram o acontecimento através de suas matérias, mostrando que seria possível sim voltar ao normal e que as vidas tanto das vítimas, quanto as nossas seguiriam em frente e também mostrar que futuramente uma reconstrução do clube seria possível.

Com relação ao acontecimento em si, um ano depois do ocorrido, a Chapecoense conseguiu se manter na primeira divisão do futebol brasileiro, e com sua posição na tabela do campeonato, classificou-se para disputar a Libertadores de 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A queda de um avião será sempre tratada como um acontecimento, porque é algo que chama muito a atenção de todos e mexe com a rotina “normal” do dia a dia. A tragédia com o voo da Chapecoense foi ainda mais midiaticizada por se tratar de um clube que estava em sua melhor fase a caminho da disputa um título inédito de um campeonato internacional.

As fontes fornecem aos jornalistas os dados necessários para que estes consigam provisoriamente reconstituir o ocorrido e assim dar início à apuração e cobertura. O acidente com Associação da Chapecoense de Futebol ganhou enorme repercussão e não poderia ser diferente pela forma como aconteceu, devido a imprudências e falhas humanas que poderiam ter sido evitadas. A cobertura da tragédia foi ainda mais difícil para os profissionais da área da comunicação, que em meio à perda de colegas não podiam deixar de fazer o seu trabalho, que é informar à sociedade.

Podemos dizer então que o jornalismo tem um papel importante na cobertura dos acontecimentos, pois é um dos responsáveis por reestabilizar a “ordem”, além de informar para a sociedade o que está acontecendo. O trabalho em equipe realizado pelos profissionais do GaúchaZH foi essencial para que o veículo conseguisse desempenhar satisfatoriamente o papel de informar os leitores. Acredita-se que sem a interação entre profissionais que estavam no local do acidente e profissionais que estavam dentro da redação na sede do jornal em Porto Alegre, a cobertura não seria tão intensa e completa, com notícias constantemente publicadas e atualizadas.

Não foi a primeira vez e também não será a última em que o jornalismo enfrentará desafios para cumprir com seu papel, cabe aos veículos e aos profissionais da área seguirem os processos de produção jornalística para que a sociedade siga acompanhando o que acontece através dos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA RBS. Disponível em: <<http://www.agenciarsbs.com.br/agencianoticias/servlet/AgenciaNoticiasController>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008. 120p. (Cadernos da Comunicação. Série Estudos; 20).

AMARAL, Márcia Franz, ASCENCIO, Carlos Lozano. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. In: **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 130, p. 243-258, dez. 2016.

BAND. 29 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.band.uol.com.br/m/conteudo.asp?id=100000833463&Programa=Chapecoense>> Acesso em: 27 nov. 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BRAGA, Kamila de Lima. **Jornalismo internacional: competências para atuação na área**. 2016. Trabalho (Conclusão de Curso) – Pró-Reitoria Acadêmica Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Brasília, DF, 2016.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi; DUARTE Jorge. **Papel e atuação de jornalistas e relações-públicas em uma organização, segundo jornalistas**. Disponível em: <<http://www.comtexto.com.br/convicomartigoJorgeMarciaRPjornalista.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

EXTRA. 2 dez. 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/menino-que-ajudou-no-resgate-em-aviao-da-chapecoense-encontrado-diz-que-indicou-caminho-mais-facil-20582072.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

FONSECA, Ana Carolina Silveira. É tudo um mesmo jornalismo? In: LEAL, Bruno Souza, ANTUNES Elton, VAZ Paulo Bernardo (Org.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 19-28.

FRANÇA Vera Regina Veiga. O acontecimento e os quadros de sentido. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga, OLIVEIRA Luciana (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a. p. 48-50.

_____. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga, OLIVEIRA Luciana (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b. p. 39-44.

_____. O poder hermenêutico do acontecimento. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga, OLIVEIRA Luciana (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012c. p. 45-48.

GAÚCHAZH. Porto Alegre, 21 set. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/gauchazh-plataforma-digital-une-forcas-de-zh-e-gaucha-9908535.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

GOLÇALVES, Jurandira Fonseca. Quem fala no jornalismo? In: LEAL, Bruno Souza, ANTUNES Elton, VAZ Paulo Bernardo (Org.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 89-101.

LAGE, Leandro. O acontecimento é o passado da notícia. In: LEAL, Bruno Souza, ANTUNES Elton, VAZ Paulo Bernardo (Org.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 77-88.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular; Capes, 2010. p. 19-42.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporânea, Salvador, BA, 2003.

OLIVEIRA, Juliana Motta. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da boate kiss**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Santa Maria, RS, 2016.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PERES, Andréa Carolina Schvartz. **Enviado especial à...: uma análise antropológica da cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia (anos 90)**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Mestrado em Antropologia Social, Campinas, RS, 2005.

PÉRSIGO, Patrícia Milano. **Entre a crise e a notícia: as estratégias organizacionais da Air France e a construção do acontecimento “voo 447” pela mídia impressa brasileira e francesa**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Santa Maria, RS, 2011.

PHILIPSEN, Simone et al. **Fontes testemunhais do conflito na Colômbia nas páginas de O Estado de S. Paulo**. In: INTERCOM, SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 18., CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2017, Caxias do Sul, RS, 2017. Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, 2017.

POZOBON, Rejane Oliveira, MIRANDA Clarissa Mazon. Protocolo de análise para classificação das fontes jornalísticas em mídia impressa: uma ferramenta para o estudo do enquadramento. **Revista ALCEU**, PUC, Rio de Janeiro. v. 12, n. 24, p. 16-30, jan./jun. 2012.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SILVA Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 2, 1º semestre de 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

SILVA, Gislene Maia Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. In: **RuMoRes – Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias**, São Paulo, Ed. 10, p. 18-36, jul./dez. 2011.

VIEIRA, Maria Clara Nicolau. Correspondente internacional: estudo sobre a atual conjuntura da profissão. **Revista Alterjor**, São Paulo: Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP), ano 6, v. 2, ed. 12, p. 12, jul./dez. 2015.

VIZEU, Alfredo. Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 13-34, jan./jun. 2007.